

IGREJA GENUINAMENTE INDÍGENA DA COMUNIDADE DE FILADÉLFIA: IDEOLOGIA E PRINCÍPIOS CULTURAIS MAGÜTA

GENUINELY INDIGENOUS CHURCH OF THE FILADÉLFIA COMMUNITY: MAGÜTA IDEOLOGY AND CULTURAL PRINCIPLES

IGLESIA GENUINAMENTE INDÍGENA DE LA COMUNIDAD DE FILADELFIA: IDEOLOGÍA Y PRINCIPIOS CULTURALES MAGÜTA

Maria Auxiliadora Coelho Pinto¹

RESUMO: Esse artigo buscou analisar o impacto histórico e cultural da colonização e da chegada do cristianismo na religiosidade tradicional e no modo de vida do povo originário Magüta/Ticuna, localizado na região do Alto Solimões, Amazonas. A metodologia adotada consiste em uma abordagem qualitativa e histórico-analítica sobre a transição de uma cosmovisão indígena autônoma para a imposição doutrinária europeia. Constata-se que, antes do contato com colonizadores portugueses e espanhóis, os Magüta/Ticuna possuíam uma religião integrada a deuses míticos e que promovia valores fundamentais como a unidade, a coletividade, a partilha e o respeito à natureza. No entanto, a introdução obrigatória do cristianismo desestruturou essa organização social, gerando severas perdas culturais e interferindo negativamente na educação tradicional e nos estilos de vida familiar. Conclui-se que a colonização religiosa fragmentou a identidade e os valores originais de fraternidade dos Magüta/Ticuna, substituindo sua soberania cultural por dinâmicas integrativas forçadas, que fragilizaram a estrutura comunitária desse grupo étnico.

1

Palavras-chave: Igreja. Magüta/Ticuna. Religiosidade. Identidade cultural.

ABSTRACT: This article sought to analyze the historical and cultural impact of colonization and the arrival of Christianity on the traditional religiosity and way of life of the Indigenous Magüta/Ticuna people, located in the Alto Solimões region of Amazonas. The methodology adopted consists of a qualitative and historical-analytical approach to the transition from an autonomous Indigenous worldview to European doctrinal imposition. It was found that, prior to contact with Portuguese and Spanish colonizers, the Magüta/Ticuna had a religion integrated with mythical gods that promoted fundamental values such as unity, collectivity, sharing, and respect for nature. However, the forced introduction of Christianity disrupted this social organization, resulting in severe cultural losses and negatively impacting traditional education and family lifestyles. It is concluded that religious colonization fragmented the identity and original values of fraternity of the Magüta/Ticuna, replacing their cultural sovereignty with forced integrative dynamics that weakened the community structure of this ethnic group.

Keywords: Church. Magüta/Ticuna. Religiosity. Cultural Identity.

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Professora da Universidades do Estado do Amazonas (UEA).

RESUMEN: Este artículo buscó analizar el impacto histórico y cultural de la colonización y de la llegada del cristianismo en la religiosidad tradicional y en el modo de vida del pueblo originario Magüta/Ticuna, ubicado en la región del Alto Solimões, Amazonas. La metodología adoptada consiste en un enfoque cualitativo e histórico-analítico sobre la transición de una cosmovisión indígena autónoma hacia la imposición doctrinaria europea. Se constata que, antes del contacto con colonizadores portugueses y españoles, los Magüta/Ticuna poseían una religión integrada a dioses míticos que promovía valores fundamentales como la unidad, la colectividad, el compartir y el respeto a la naturaleza. Sin embargo, la introducción obligatoria del cristianismo desestructuró esta organización social, generando severas pérdidas culturales e interfiriendo negativamente en la educación tradicional y en los estilos de vida familiar. Se concluye que la colonización religiosa fragmentó la identidad y los valores originales de fraternidad de los Magüta/Ticuna, sustituyendo su soberanía cultural por dinámicas integrativas forzadas que fragilizaron la estructura comunitaria de este grupo étnico.

Palabras clave: Iglesia. Magüta/Ticuna. Religiosidad. Identidad cultural.

INTRODUÇÃO

A trajetória histórica do povo originário Magüta/Ticuna, habitante da região do Alto Solimões, é marcada por profundas transformações socioculturais decorrentes do processo de colonização. Antes do contato com colonizadores portugueses e espanhóis, esse grupo possuía uma cosmovisão autônoma e uma religiosidade integrada a deuses míticos, que estruturavam a vida social, política e educacional sob os princípios da unidade, da partilha e do respeito à natureza. O problema central deste estudo reside no impacto da introdução obrigatória do cristianismo, que desarticulou essa organização tradicional e impôs severas perdas à identidade e ao modo de vida comunitário desse povo.

Compreender essa transição é de suma importância, pois a supressão gradativa dos valores originais de fraternidade afetou diretamente a educação tradicional e as estruturas sociofamiliares do povo originário Magüta/Ticuna, refletindo um trauma histórico que reverbera em sua realidade contemporânea.

Apesar da relevância do tema, observa-se uma lacuna no conhecimento acadêmico no que diz respeito ao detalhamento dos mecanismos de resistência cultural que permitiram a preservação de elementos de sua espiritualidade original mesmo diante de séculos de imposição doutrinária. Este estudo busca preencher esse espaço, oferecendo uma análise concisa que conecta a violência colonial do passado às dinâmicas de sobrevivência cultural do presente.

MÉTODOS

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e histórico-analítica, com aproximação etnográfica, articulando diferentes procedimentos. O trabalho de campo para a coleta de dados envolveu observação participante, entrevistas e imersões etnográficas, além do acompanhamento de situações e eventos que integravam a dinâmica social dos participantes. Essas ocasiões constituíram momentos relevantes da investigação, uma vez que permitiram acompanhar interações, práticas e narrativas que emergiam de maneira espontânea no cotidiano. Configurando-se como o cenário empírico onde ocorreu a pesquisa, a comunidade indígena de Filadélfia — oficialmente denominada na língua materna como *Ūtchigüne* — pertence ao município de Benjamin Constant, Amazonas e constitui o foco central deste estudo. O resgate de sua cronologia demandou o recurso à memória dos moradores mais antigos e aos seus relatos orais. A partir desse levantamento, validou-se que, em assembleia comunitária realizada em 1997 sob a liderança do cacique Sansão Ricardo Flores e do vice-cacique Atos Fermin Vasques, estipulou-se em consenso o dia 5 de abril de 1968 como o marco oficial de fundação da localidade. Atualmente, a data é celebrada anualmente com grandes festividades identitárias pelo povo Magüta/Ticuna. A pesquisa de campo contou com a participação de sujeitos sociais do povo Magüta/Ticuna. Ao longo desse percurso, o diário de campo foi utilizado para registrar acontecimentos, observações e informações decorrentes do contato com os interlocutores.

3

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O povo magüta: religiosidade tradicional e cristianismo

O povo Magüta possui precedentes históricos religiosos extensos, que se confirmam diante da trajetória de mais perdas do que ganhos. Quando os missionários aqui aportaram, já existiam grupos humanos com as suas crenças e religiosidades tradicionais, os quais não dependiam de outrem para lhes dizer o que era certo ou errado. A sua religião era agregada aos grupos de deuses míticos; seguiam a vida com a sua própria cosmovisão da sociedade cultural, política, geográfica, educacional e religiosa.

Baseavam-se nos princípios culturais como estratégia de conduzir e fortalecer a sua religiosidade com objetivo de unidade, fraternidade, coletividade e relação de respeito à natureza e ao grupo clânico. O ritmo era de igualdade, de partilha e de sintonia com o sagrado. Não

tinham dúvidas em relação aos atributos culturais de seus deuses da imortalidade cultural, como aconteceu após o contato com a colonização conduzida pelos portugueses e espanhóis na região do Alto Solimões, Amazonas.

A introdução do cristianismo na região amazônica ocorreu, historicamente, de forma impositiva, privando os povos indígenas de sua autonomia de escolha. Esse processo de interferência cultural forçada fragmentou as estruturas tradicionais, introduzindo novas cosmovisões que, em grande medida, impactaram negativamente a cultura, a língua e as práticas ancestrais Magüta. Gradativamente, valores fundamentais (como a unidade comunitária, a partilha e a reciprocidade) foram enfraquecidos pela lógica da individualização e do julgamento moral de seus costumes. Essa interferência desestruturou a educação tradicional, baseada na oralidade e na transmissão de saberes entre gerações, gerando rupturas profundas no estilo de vida familiar, nas alianças clânicas e na coesão social das comunidades.

Face a tantos impactos, o tradicional sistema de organização clânica sofreu um severo processo de desestruturação e desaparecimento de linhagens. Até as primeiras décadas do século XX, registros etnográficos estimavam a existência de dezenas de grupos clânicos distintos, divididos entre as metades de aves e plantas ou animais terrestres. Esse complexo arranjo social foi drasticamente reduzido devido às dinâmicas violentas do mundo ocidental. O extermínio de lideranças em conflitos territoriais provocados pela invasão de seringueiros e madeireiros, somado ao impacto devastador de epidemias e doenças exógenas, afetou a população.

Paralelamente, a forte influência de novos movimentos religiosos impôs barreiras severas às regras tradicionais de casamento exogâmico e à pajelança, fazendo com que muitos indígenas abandonassem suas identidades clânicas para se integrarem às novas lógicas comunitárias ocidentalizadas. Segundo França BLDC (2020), o clã já não exercia efetivamente sua função de cooperação política e econômica, enquanto os aldeamentos eram marcados por conflitos entre grupos com diferentes linguagens religiosas. Essa transição marcou a substituição dos antigos laços de solidariedade clânica por novas divisões baseadas na filiação denominacional.

Com a perda da eficácia, reduziu-se para doze os grupos clânicos de características fortes (Onça, Avaí, Saúva, Jenipapo, Buriti, Japó, Mutum, Galinha, Garça, Jaburu, Arara e Maguari), que se asseguraram na sociedade e passaram a conduzir os demais grupos de procedência clânica de menos referência. Nessa aliança, tornaram-se irmãos clânicos e, por intermédio dessa união, os laços se fortalecem. Aos poucos, as nações clânicas estão se multiplicando. Mesmo assim, a

influência da sociedade contemporânea é muito forte na língua, na educação, na religião, na política e na cultura.

O povo Magüta/Ticuna acabou por aceitar e participar de várias doutrinas. Cada uma com a sua denominação religiosa: Católica, Batista Regular, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Sétimo dia, Irmandade da Santa Cruz, Metodista, Coreanos e Neopentecostais (recém-chegada nas comunidades indígenas). Todas essas, e outras, se instalaram nas comunidades indígenas do Alto Solimões e passaram a fazer a evangelização, influenciando as realidades desse grupo social.

Quando os missionários religiosos norte-americanos chegaram ao Solimões, especificamente nas comunidades indígenas, trouxeram a sua forma de orar, cantar, louvar junto, além dos seus costumes e modo de vida. Isto passou a ser mesclado às crenças e práticas tradicionais. Os missionários inferiam e proibiam as atividades culturais. Os pastores tinham que ser consultados para permitir ou não a realização de eventos tradicionais, sobretudo, quando se tratava da Festa da Moça Nova (*Worecü*). Nesse evento de maior duração, ocorre o ritual que a igreja reconhece como agressivo aos dogmas doutrinários religiosos. Essas manifestações são vistas como ato profano e categorizadas de rito satânico para os cristãos, portanto, não poderiam ser incentivados nem praticados no aldeamento de comunidades indígenas da região do Solimões.

5

Em consequência aos fatos apontados e outros que não foram mencionados, mas que também fizeram parte desse processo, compõe-se o cenário Magüta/Ticuna, modificando a realidade social e enfraquecendo a sua referência tradicional. As doutrinas traziam, de fora, a sua própria visão de mundo (Estados Unidos, Europa e outros) para dentro das terras indígenas sem se preocupar com as realidades regionais e locais.

Embora as congregações preguem fraternidade, unidade e amor, a ideologia que propagam não condiz com as do povo Magüta/Ticuna. Pelo contrário, gera conflito, disputa, animosidade e dificuldade de relacionamento entre as comunidades indígenas, porque ocorrem brigas de membros das denominações religiosas e congregações. São concorrências não aceitas entre elas, que passam a se fragmentar. Esses fatores são contra a cultura e não combinam com os princípios do povo originário em questão.

Isso fragilizou a identidade étnica tradicional. Neste conjunto de características, o que ainda permanece vivo são os clãs e a língua, mas não integralmente. Tudo aquilo que trazia uma sintonia e rodeava a convivência social igualitária entre o grupo Magüta/Ticuna foi

demonizado. Com a proposta de fazer um caminho inverso ao que os missionários católicos e evangélicos fizeram, bem como frear as práticas implantadas e incutidas por outras igrejas denominacionais em tempos antigos e recorrentes, surge a igreja genuinamente indígena para quebrar o paradigma em função dessas práticas.

A consolidação da primeira Igreja Genuinamente Indígena, estabelecida na comunidade Magüta/Ticuna de Filadélfia, no município de Benjamin Constant, Amazonas, reflete um complexo processo de diálogo intercultural, resistência e ressignificação espiritual. Pautada pelo princípio da inculturação, a ideologia dessa instituição não busca a anulação da identidade originária, mas sim a criação de um espaço eclesial gerido e pensado a partir do modelo e da sensibilidade do próprio povo Magüta/Ticuna.

Nela, os dogmas e ritos cristãos tradicionais são descolonizados para coexistir com a cosmologia ancestral: a língua materna é preservada ativamente por meio dos cânticos litúrgicos, a autonomia e as noções de coletividade clânica são valorizadas, e a vida comunitária caminha lado a lado com o respeito à memória histórica e à autodeterminação espiritual do povo do Alto Solimões.

Essa emergência estabelece um espaço de tensão e negociação identitária situado entre as crenças tradicionais e o cristianismo ocidental. Longe de silenciar por completo os atributos culturais originários, esse fenômeno gera uma espiritualidade híbrida que, ao mesmo tempo em que permite a emersão de lideranças locais e fortalece o tecido social, é marcada por profundas contradições. A imposição de dogmas cristãos continua a desafiar a legitimidade dos pajés, a força mítica dos clãs e a integridade de rituais históricos profundos, como a Festa da Moça Nova. Diante disso, os atributos culturais Magüta não desaparecem, mas são continuamente ressignificados em meio à busca por uma autonomia que equilibre a herança dos antepassados com as novas práticas de fé.

Convém pontuar que a igreja indígena para o Alto Solimões havia sido pensada trinta anos atrás por lideranças antigas, como a família Vasques, Nino Fernandes, Reinaldo Otaviano do Carmo, Pedro Inácio Pinheiro e outros representantes das comunidades ribeirinhas indígenas do Alto rio Solimões. Esse projeto não se consolidou a contento na época porque muitas lideranças das comunidades indígenas não resistiram às tentações das ofertas feitas por diferentes congregações religiosas externas.

Décadas depois, Atos Fermin Vasques (*Wipatükü*) relatou a história de formação e a decisão de fundar uma igreja genuinamente indígena no Alto Solimões, concretizando,

finalmente esse antigo anseio. Esse passo decisivo exigiu um longo planejamento familiar e uma sólida preparação acadêmica de seu fundador. Seus estudos aprofundados nas áreas de Pedagogia, Pedagogia Intercultural, Antropologia e Teologia proporcionaram o instrumental crítico necessário para realizar o diálogo intercultural, garantindo que a nova instituição nascesse firmada na autodeterminação e no respeito à cosmologia Magüta. Vejamos seu relato:

Nos meus eventos da igreja com os jovens, eu colocava cocar e me pintava para valorizar esses elementos dentro da igreja, comecei a ter problemas sérios e esse foi um dos primeiros conflitos que tive dentro da igreja Batista. Pra não ter esses problemas contínuos, eu tive que sair da Batista e fundar a igreja indígena já com ajuda de outros membros que já eram pessoas que não estavam dentro da igreja e nem tinha muita ligação com as lideranças antigas, porque eu via que eles não entendiam esse tipo de trabalho que estava sendo implantado. Decidi sair da igreja Batista. Logo depois que decidi fundar [...] a igreja genuinamente indígena (Wipatükü, 2025, informação verbal).

Aos estudos para entender o pensamento religioso, foram agregadas condições de iniciar dentro da igreja indígena um trabalho religioso transgressor aos olhares dos outros grupos religiosos, assim como aos conhecimentos e reflexões em torno dos atos religiosos nos moldes antigos, baseados nas negações e predações dos princípios tradicionais e culturais. Esses desacertos em relação à cultura Magüta/Ticuna se transformaram em certeza de fundar a igreja indígena e contrapor a ideia e a doutrina religiosa, que continuavam com os processos fora do contexto indígena, além dos conflitos entre os fiéis das congregações acompanhados das proibições (dos ritos, cantos, bebidas tradicionais, uso dos instrumentos musicais na igreja e outros princípios culturais).

Uma pessoa da etnia Magüta/Ticuna, junto a um grupo de pessoas com os mesmos ideais, não queria mais que as ideias religiosas de fora viessem se manter e perpetuar, mas que os processos religiosos fossem assumidos, administrados e conduzidos pelos próprios indígenas com a sua visão de mundo e de religião, valorizando, acima de tudo, os elementos que têm sintonia e paridade com a cultura.

Nesse contexto conflitivo (de trabalhar os princípios culturais de forma contextualizada ao cristianismo e, paralelamente, contrapor às antigas práticas) que surgiu a igreja genuinamente indígena. O objetivo era trazer os atributos religiosos Magüta/Ticuna para dentro da igreja indígena, os mitos, os ritos e demais manifestações culturais e, desse modo, fazer uma nova (re)interpretação com intenção de atender as suas realidades sociais sem exclusão e sem discriminação com proposta e entendimento originários amazônicos.

Fala-se da igreja genuinamente indígena no contexto deste estudo, tendo em vista que ela foi fundada na comunidade indígena de Filadélfia (*Ūchigüne*), pertencente ao município de

Benjamin Constant, Amazonas (Figura 1). A causa, importância e relevância se dão pela sua expansão para outras comunidades indígenas do Alto Rio Solimões, com representatividade em cada uma delas. Apresentam e inserem as suas propostas de evangelizar a partir da valorização dos princípios culturais contextualizados aos do cristianismo, com novas ideologias a partir dos próprios Magüta/Ticuna a fim de ressignificarem a cultura na perspectiva dos deuses, do sagrado, do profano aos olhares indígena, assim como da cosmologia e seus mitos no universo religioso.

Figura 1 - Igreja genuinamente indígena Figura 1



Fonte: Wipatükü, 2025.

A cultura Magüta/Ticuna destaca-se por sua imensa diversidade e riqueza sociocultural. Sob a perspectiva indígena, a relação com o mundo é profundamente simbólica, estabelecendo conexões intrínsecas entre o cotidiano, o universo dos deuses, o sagrado e o profano. Essa cosmovisão se materializa em uma rica cosmologia, onde os mitos de origem não são apenas histórias do passado, mas guias vivos que estruturam a ordem social, o território e a espiritualidade no universo religioso desse povo.

Atos/Wipatükü, teólogo, antropólogo e pastor, ao contextualizar o ato tradicional ao cristianismo, assim exemplificou:

Então sempre eu fazia a interligação com o outro, colocando a minha cultura em destaque e comparando com a da Bíblia. Tem vários exemplos na Bíblia que é de igualdade com a nossa cultura. Esse é o sentido da igreja indígena, que tanto a cultura

judaica quanto a cultura Magüta/Ticuna que tem a mesma igualdade de fazer a interpretação do sagrado. Esse é o significado do sagrado pra nós como povo indígena e não deixar de lado, não é errado isso. Então é nesse sentido que estamos colocando hoje conhecimento, na verdade é fazer uma reinterpretação de uma igreja e do que está escrito na Bíblia e trazer isso para o entendimento no nosso povo (*Wipatükü*, 2025, informação verbal).

Com essa finalidade de pensamento divergente e discordante das congregações, a igreja indígena foi consolidada e fundada por Atos/*Wipatükü*, em 2 de agosto de 2009, uma data histórica por se tratar da primeira igreja indígena no Brasil. Em 2010, a congregação se expandiu para: Cuchillo Cocha e Erenê, no Peru; Macedônia, na Colômbia; igarapé Tacana, Nova Jerusalém, Nínive e São Domingos, no Brasil. Seguem negociações de implantação em outras comunidades Magüta/Ticuna do Alto Solimões.

A partir do que foi exposto, nota-se que a igreja indígena vem quebrar o paradigma da concepção e ideologia das igrejas ligadas ao cristianismo e protestantismo, pois o trabalho da igreja indígena é evangelizar de forma contextualizada a uma concepção e ideologia junto ao pensamento Magüta/Ticuna na perspectiva do valor cultural do coletivo.

Lima WPD (2013), em seu estudo sobre os *Magütagü/Ticunagü* e a igreja indígena em Filadélfia, afirma que o choque mais frequente por parte dos membros da igreja Batista em relação aos cultos indígenas decorre da aparente falta de uma ordem litúrgica semelhante à de suas próprias celebrações. Essa diferença acaba por deslegitimar o culto nativo, uma vez que, para os batistas, os valores e os padrões de conduta dos participantes não se adequam ao modelo proposto pelo que consideram a verdadeira igreja cristã (Lima WPD, 2013).

Na década de 1970, ainda não havia direção pontual definida na política, na educação, na saúde e na religião. Iniciavam as potencialidades, as mobilizações e lutas pioneiras de 1970 a 1980, com a fundação de organizações. No campo religioso, os Magüta/Ticuna se preocuparam em estabelecer uma organização que pudesse dar amparo às decisões no Alto Solimões. Pautado em grandes discussões e decisões, surgiu a Organização da Missão Indígena da Tribo Ticuna do Alto Solimões (OMITTAS), composta por religiosos da congregação batista, outros grupos de sujeitos sociais missionários e indivíduos com maior poder grupal.

O debate recorre ao faccionalismo² Magüta/Ticuna por se tratar de várias frentes constituídas em teia de embates de oposições religiosas ou não. Ao analisar as complexas

² Nos estudos de Oliveira Filho (1988), o termo é destacado como rede de poder de diferentes grupos que dividia os Ticuna, a igreja católica e a irmandade da Santa Cruz.

dinâmicas de articulação do povo Magüta/Tikuna, a antropóloga Magüta/Ticuna, Mendes MMM (2014, p. 50) diz que:

não surge apenas por oposições religiosas ou clânicas, os Ticuna podem se dividir em posições contrárias em diversas situações sociopolíticas, modificando com dinamicidade a position dos indivíduos e os seus comportamentos políticos e sociais.

À vista disso, percebe-se que a OMITTAS foi criada para conter as facções religiosas. A coexistência de diferentes crenças entre os Magüta/Ticuna foi marcada por disputas em torno de diferentes concepções de salvação, comportamento e modos de vida. À crença tradicional vinculada a Yo'i somaram-se o catolicismo e vertentes protestantes e espiritualistas, que passaram a questionar tanto as práticas religiosas anteriores quanto aspectos da própria cultura indígena. Essas divergências impactaram nas relações comunitárias e, em alguns casos, implicaram em restrições a práticas tradicionais. Atos/Wipatükü (2025) expressou:

É um pouco complexo entender a briga entre os Magüta/Ticuna, pastores de denominações, missionários e indivíduos, essa interconexão de um circuito de poder. [...] Nesse contexto surgiu a igreja indígena. Sabemos que toda a igreja implantada tem seu chefe, seu patrão que manda externamente de fora pra dentro. São pessoas que vão ditar como deve comportar cada igreja, isso gera conflito e nesse meio todo estamos nós, indígena, com a igreja genuinamente indígena, que traz de volta os elementos que foi proibido, negado pelas outras igrejas, com ajuda dos parceiros que vai ajudar por vontade própria e não por imposição. Por essa direção, surge o grupo da igreja indígena que vem lutar por quatro elementos que são: fortalecer a educação, valorizar a cultura, tem que ter união, tem que ter estudo, todas as pessoas têm que ter esse lado de conhecer, não de apenas receber algo que ainda não foi examinado antes (Wipatükü, 2025, informação verbal).

10

Para dar suporte à formação de novos pastores indígenas (com novas visões sobre o trabalho religioso cristão) para atuar nas igrejas nos moldes do povo originário, foi fundado, no Brasil, o Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI). Ele é formado por líderes e composto por pessoas esclarecidas e, ao mesmo tempo, revoltadas com os missionários, com os pastores e com os trabalhos de missões a nível de país. É este conselho que vai dialogar com as missões (nacional e internacional). A partir de então, os missionários devem passar por uma preparação para quando forem trabalhar com o povo originário, levando em conta o pensamento religioso, tradicional e cultural.

Acerca do Conselho Nacional de Pastores Líderes Evangélicos Indígena, o antropólogo Lima WPD (2013) corrobora que ele contribui para pensar o surgimento e a formação de igrejas evangélicas em localidades indígenas, principalmente por adotar a estratégia de evangelização dos indígenas pelos próprios indígenas. Ainda sobre o trabalho do CONPLEI, Atos/*Wipatükü* complementou:

Os Magüta/ticuna já tem setenta anos de evangelização protestante, então já entendemos a consequência de implantação de igrejas com imposições de fora com outras visões que não corresponde em sentido algum com a nossa sociedade. Surgiu, então, um grupo de estudante de diferentes pensamentos, com outro entendimento, outra visão do que é cultura, o que é sagrado, o que é profano em geral e a partir desse pensamento fundaram o CONPLEI, Conselho Nacional de Pastores Líderes Evangélicos Indígena que apoia em formar líderes e pastores. É um trabalho multiplicador que o grupo faz para contribuir na evangelização dos próprios indígenas nas comunidades (*Wipatükü*, 2025, informação verbal).

Após a fundação da igreja indígena, esse grupo de pastores seguiu formando outros missionários indígenas para atuar nas igrejas na perspectiva da ressignificação dos ritos, dos mitos, da espiritualidade e valorização das crenças do pensamento coletivo. Inclui-se a unidade, fraternidade, trabalho conjunto e reconhecimento dos princípios culturais clânicos (como a pintura, o canto, os rituais sagrados e os instrumentos musicais). Esses, de certa forma, foram negados pelos missionários nas outras igrejas, mas estão sendo utilizados na igreja no tempo presente, deixando o espaço aberto para integrar a todos sem distinção de credo, função, atuação e religiosidade.

11

Portanto, a igreja indígena veio com intenção de ajustar os erros da evangelização no passado, marcada por negações, principalmente, no que tange às proibições dos processos étnicos das manifestações culturais, bebidas tradicionais, crenças e espiritualidades. Veio estabelecer uma conexão entre os seres sagrados da mitologia com o Deus judaico-cristão. A igreja indígena propõe unir, independente da crença, e mostrar ao Magüta/Ticuna que ele é criação de Deus todo poderoso. Entretanto, são ações que as congregações evangélicas não aceitam, não reconhecem, discriminam e demonizam.

A mitologia é vista de outra forma dentro da congregação indígena: valorizada, respeitada e reinterpretada. A maior dificuldade que a igreja indígena está encontrando é trabalhar o pensamento daqueles que já absorveram profundamente os discursos religiosos do passado, aquele de que tudo que faz parte da cultura pertencia ao mundo das tentações profanas. Isto posto, o temor de perder a salvação eterna leva os *Magütagü/Ticunagü* a apresentarem restrições em aceitar as novas propostas de trabalho da igreja indígena.

É importante lembrar *Ipi* e o pensamento Magüta/Ticuna em relação a ele. *Ipi* era um deus desordenador das regras sociais, que atrapalhou e causou muitos transtornos na trajetória da humanização e dos ensinamentos tradicionais na sociedade originária. Atos/*Wipatükü* (2025, informação verbal) situa a atitude desse deus na perspectiva da religião: “*Ipi* mostra a atitude assim como acontece na religiosidade judaica cristã entre o deus bom e o anjo do mau. O anjo com essa atitude questionável é *Ipi*, que incita o mundo das tentações. Quem tem essa herança também é ruim”.

Destaca-se que a religião Magüta/Ticuna fundamenta-se em um ciclo de mitos e na crença em seres personificados na natureza e no território que habitam, entre os quais se destaca o mito dos irmãos *Dyoi* e *Ipi* (Nimuendajú C, 1977). Assim, em tempos ancestrais, os Magüta realizavam os seus princípios culturais sem interferência; em outras palavras, sem serem subjugados, realizavam os seus cultos aos deuses ou seres divinais. É nessa perspectiva que a valorização pela igreja indígena vem trabalhando, sem discriminar nenhum elemento, uma vez que para o Magüta/Ticuna o pensamento não é dividido (tudo está incluído na crença religiosa).

Todo esse mundo das concepções culturais tem que ser restaurado e fortalecido novamente. No que diz respeito a isto, Atos/*Wipatükü* (2025, informação verbal) argumenta:

Sem atuação da igreja indígena não tem como resgatar os princípios e valorizar as crenças, porque sem esse instrumento que é a igreja, que permite usar a religião, não tem como. Aí tem a escola, mas o trabalho é muito artificial pela influência que recebe de fora e a maioria dos gestores e os professores já são ocidentalizados, não conseguem expressar dentro dessa instituição como indígena e acabam não valorizando a educação tradicional de como fazer remos ou de como fazer remédio ou de como se curar com o valor medicinal tradicional ou com o tratamento dado pelo pajé com a ajuda dos espíritos.

Constata-se, através do trecho supracitado, que a igreja indígena prioriza a cultura tradicional do passado e do presente. Verifica-se, também, que os pastores da igreja Magüta/Ticuna dialogam com as outras religiões, o que não é bem-visto, porque passou a ser uma ameaça às outras congregações religiosas. Desde que foi fundada, a igreja indígena vem lutando, combatendo e resistindo aos conflitos nas perspectivas doutrinárias. Essa questão, em certa medida, atrapalha o trabalho dos pastores tradicionais e a expansão da igreja, pois todas as comunidades compartilham as igrejas denominacionais. Por conta disto, se formulou uma guerra entre as igrejas.

Os discursos repassados aos fiéis Magüta/Ticuna dizem que a igreja genuinamente indígena não é de deus e sim do diabo, pela forma como os cultos são realizados, uma vez que permitem e dão espaço às questões culturais e às vozes dos seres humanos, independentemente

de suas opções, credo e perspectiva de vida. Os pastores de outras igrejas repassam que deus não se mistura com a cultura e quem faz essa prática não terá salvação eterna. As problemáticas aumentam porque deixam as pessoas amedrontadas, desorientadas, sem saber em que e quem acreditar e como devem seguir de forma correta os preceitos religiosos.

Isto posto, a igreja indígena lida com dificuldades, dado que, além de buscar fazer um trabalho de base e de ressignificação, ainda tem que procurar estratégia para se defender das críticas e acusações feitas pelas outras denominações doutrinárias. As críticas surgiam por intermédio dos membros da igreja Batista quanto à forma de como a igreja indígena conduzia seus trabalhos (Lima WPD, 2013).

No discurso é evidente que as igrejas denominacionais são contra a igreja indígena. Trabalham efetivamente, o todo tempo, contra as propostas doutrinárias tradicionais da igreja Magüta/Ticuna e dizem que não existe deus com característica Magüta/Ticuna. Permitir coisas faz com que as pessoas caminhem em direção ao inferno. São diferenças de ideias que interferem nas aptidões de cada ser Magüta/Ticuna. Atos/Wipatükü (2025, informação verbal) discorreu: “como fundador e pastor da igreja indígena, a gente é muito criticado por outras religiões, não aceitam nossas propostas, diz que não presta. Apesar de tudo, continuamos firmes e não vamos desistir”.

Há pessoas na igreja que já entenderam a forma religiosa que a igreja propaga, outras estão se inserindo aos poucos. A igreja está – lentamente – disponibilizando nos cultos as coisas que no passado foram retiradas ou proibidas, a exemplo dos instrumentos musicais. “Para entender a igreja indígena tem que entender o deus denominacional que foi transmitido desde o passado para o Magüta/Ticuna, um Deus de característica ocidental” (Wipatükü, 2025, informação verbal). Nessa mesma linha de pensamento, expressou:

Para nós, Magüta, Ticuna, o Deus que foi repassado desde o início não tem nada a ver com a gente, primeiro porque já é um deus que é branco, de cabelo e tem olho claro, tem barba branca, aquele que está sentado lá no trono para julgar e que está de olho na pessoa pra punir a qualquer coisa errada que fizer, a visão do branco, pois o nosso deus que estamos pregando elementos Magüta, Ticuna da crença é um Deus Magüta, Ticuna mesmo! (Wipatükü, 2025, informação verbal).

O trabalho da igreja é de base; pouco a pouco estão trazendo os tamborins e as flautas para alegrar o cenário dos cultos. Tudo está sendo planejado. Há conversa, sobretudo, sobre o significado e objetivo para não assustar, porque no passado os missionários trabalharam e deram outros sentidos ao uso desses objetos durante as celebrações. Assim aconteceu com as bebidas,

danças tradicionais e o sexo (tido como coisa do demônio). Por esse motivo, muitos conservam o pensamento de desconfiança e cultivam o medo até hoje.

Para desmitificar tudo isto, entra em cena a igreja indígena, apresentando que tudo que existe na natureza e na terra foi deus que deu, portanto, não tem nada de ruim. Ao contrário, os conhecimentos dados, como constam na mitologia, devem ser levados em frente pelo valor que tem para o Magüta/Ticuna, assim como os seus ritos, os saberes tradicionais, a relação com a natureza e o que existe envolto dela. Atos/Wipatükü narra a visão do trabalho e a percepção na igreja indígena:

Na igreja indígena o que queremos é um deus compreensivo, que parece mais com povo e não um Deus que se preocupa com quem está de paletó, um deus bonito que está separado e que não se aproxima do errado, mas o se quer é um deus que conserta o errado e erra também e se aproxima para está junto, ou seja, tirar a característica do bonito que o feio também faz (Wipatükü, 2025, informação verbal).

Identifica-se que a igreja indígena foi criada para difundir o pensamento Magüta/Ticuna dos membros em uma forma contextualizada de evangelizar, estimulando em todos os aspectos. Por exemplo, quando um membro sonha sobre os espíritos, compreende que faz parte da crença tradicional e não precisa sigilo. Atos/Wipatükü (2025, informação verbal) relatou:

O pensamento sobre deus e os espíritos não é negado e sim compreendido para não acontecer como nas igrejas evangélicas que estão preocupados com o batismo e com a alma, mas que proíbe severamente a crença cultural tradicional. Mas do que adianta? Eles praticam lá no escondido.

14

É fato que, quando os missionários chegaram ao Alto Solimões, os Magüta/Ticuna já tinham e cultuavam o seu Deus Üünecü (ou Poracü), cuja significação é aquele todo poderoso, sagrado, com todos os atributos de um deus. Sobre ele, Rosalina (2025, informação verbal) expressou o seu pensamento: “Üünecü é um deus mais poderoso e sagrado que Tupana. Se existisse só Üünecü entre nós, já era mesmo daqui da terra de onde viemos mesmo”.

No mundo mítico da cosmovisão, os irmãos Yo’i e Ipi defendiam o povo Magüta dos ataques dos animais carnívoros e selvagens, como a onça preta, onça d’água e pintada, os yaregü e outros bichos perigosos da natureza. Por conceder livramento ao povo, pela criação, organização da civilização Magüta e outros feitos, eles foram chamados de “Deuses”, especialidade que deu a Yo’i, para os antigos Magüta, o mesmo atributo do Deus Üünecü/Poracü.

Posteriormente, Yo’i perdeu o *status* de Deus supremo entre os Magüta/Ticuna. Sob a ótica mítica, ele errou gravemente ao abandonar seu povo no território Eware e partir para o local sagrado. Esse equívoco fragmentou a ideia de uma divindade soberana, mitigando seus

atributos religiosos. Diante dessa lacuna cosmológica, as funções e os aspectos mítico-religiosos da soberania foram complementados por *Üü necü*/*Poracü* por um longo período.

Os aspectos mítico-religiosos: visão cosmológicas

Os aspectos mítico-religiosos dos Magüta/Ticuna não se limitam a um conjunto de crenças abstratas, mas constituem os atributos culturais fundamentais que orientam toda a sua existência coletiva e a sua relação com o território. Mediante a catequese missionária, historicamente iniciada pelos jesuítas na região do Alto Solimões, a riqueza conceitual da cosmologia originária passou por profundas traduções conceituais. Nesse processo, os atributos do herói e ser cultural *Üü necü* foram estrategicamente transferidos e ressignificados na figura de Tupana, aproximando-se da palavra de ampla difusão colonial, Tupã (do Tupi³), e atribuindo a essa entidade o sentido, o valor religioso e os atributos morais e onipotentes do Deus criador do universo judaico-cristão. Na cosmologia tupi original, Tupã (ou Tupana) não era uma divindade antropomórfica, mas sim a manifestação do trovão e da tempestade. Tratava-se do próprio som estrondoso e do poder dinâmico da natureza, e não de um ser com corpo humano ou ego que exigia templos e orações.

Operou-se, assim, uma distorção etimológica e teológica: a manifestação da força da natureza originalmente expressa no significado primitivo de “Deus Trovão” (ou fenômeno atmosférico) foi convertida em um monoteísmo transcendente, patriarcal e punitivo. A partir desse deslocamento conceitual, os atributos mítico-religiosos originários e a agência dos heróis culturais originais passaram a ser sistematicamente negados, demonizados ou subordinados pelo cristianismo expansionista entre o povo Magüta/Ticuna do Alto Solimões. Nos escritos de Pereira FK (2001, p. 22) consta de que forma surgiu Tupã⁴ com atributo de divindade:

[...] O Jurupari, uma divindade dotada de grande prestígio e investida de muitos privilégios, recebeu a primeira carga da brigada eclesiástica: Todo culto pagão é obra de Satanás! Por força desse argumento que tanto prejuízo trouxe à cultura de muitos povos, esse deus autóctone foi transformado em Diabo, na encarnação do Mal e para combatê-lo e defender o selvagem de sua nefanda influência “surgiu” Tupã, um ser tão distante da compreensão dos nossos nativos quanto o Jurupari dos missionários. [...] Na verdade Tupã já existia, não como divindade, mas apenas como conotativo para o som do trovão (Tu-pá, Tu-pã ou Tu-pana, golpe ou baque estrondante) portanto, não passava de um efeito, cuja causa o índio desconhecia e, por isso mesmo, temia.

³ O maior tronco linguístico dos povos indígenas. Igualmente, foi a primeira língua falada com a qual os colonizadores portugueses tiveram contato no território brasileiro.

⁴ Trovão, entidade do universo que se constituiu como ser supremo. Os atributos de Deus, o onipotente, foram dados pelos jesuítas em decorrência da catequização dos povos originários da região amazônica.

Essas questões estão no íntimo e interligadas à espiritualidade humana originária. Nas cerimônias de cunho religioso são referendados os agradecimentos à natureza em vários momentos dos rituais. A natureza, para os indígenas, tem explicação para tudo: as enfermidades, o trovão, a chuva, o sol e os animais da floresta. Ao contrário do que pensavam os missionários dos séculos XVI e XVII em relação aos indígenas, que afirmavam que os indígenas não tinham religião, mais tarde descobriram que um dos nomes mais fabulosos em suas crenças era chamado de Tupã (Silva TFD, 2013).

Atos/Wipatükü falou sobre os missionários e o deus Tupana:

Foi os missionários jesuítas que deram a denominação de Deus Tupana. Foi uma imposição pra nós, Magüta/Ticuna, assim como atribuíram os atributos do deus cristão para o Tupana, mas esse Deus não consegue responder aquilo que está dentro da cultura e também é aquele que briga e castiga, que não corresponde por completo o seu povo. Portanto na igreja Magüta/Ticuna não acatamos, porque não tem significado nenhum pra nós, Magüta/Ticuna. Deus Tupana não tem muito valor porque os missionários anularam a característica e a expressão do nosso Deus. Tupana é deus do Tupi e não deus Magüta/Ticuna. Pra nós o deus Magüta/Pogüta/Ticuna é *Üüñecü* ou *Poracü*. Esses sim têm todos os atributos divinais tradicionais da cultura (*Wipatükü*, 2025, informação verbal).

Tupana, para o Magüta/Ticuna, passou a ter o significado de “nosso deus salvador”, fundamentado no valor religioso judaico-cristão com a noção de libertar, curar e salvar das guerras, animais selvagens e outros. Os Magüta/Ticuna consideram *Üüñecü*/*Poracü* o deus

16

 divinal com característica tradicional, porque é deus presente que entende, protege, ouve, compreende, além de possuir todos os atributos religiosos que correspondem aos anseios do tradicional povo. Igualmente, não discriminam a denominação Tupana, que ainda é usada entre os Magütagü/Ticunagü, embora a igreja esteja criando, aos poucos, outros elementos para que eles compreendam por total que o Deus *Üüñecü* é um Magüta/Ticuna poderoso, que entende o coletivo originário de forma integral. Nimuendajú C (1977) faz uma comparação entre os imortais do grupo dos mitos: *Yo’i* é considerado o pai da nação Magüta/Ticuna, enquanto Tupana corresponde a Deus.

Como já foi mencionado, o imortal *Yo’i* tinha os atributos e qualidades, mas foi embora e abandonou seu povo. Por essas razões, encaixa-se apenas em certos elementos culturais como deus. A partir do viés do pensamento religioso, os Magüta/Ticuna acreditam que *Yo’i* vai voltar. Ele é poderoso e tem característica indefinida ou híbrida, podendo se transformar em jovem, velho, branco, em animal (como pássaro, onça, anta, jacaré, cachorro, queixada) e outros (água, árvore, vaso de barro e objetos variados). Isto porque desde o princípio ele tinha muito poder.

Eis a explicação pela qual o Magüta/Ticuna é um povo receptível (acolhe as pessoas no seu convívio): para eles, pode ser Yo'i voltando. Nesse sentido, o grupo social da etnia vive à espera do seu Deus mítico-religioso para cumprir a sua função de Deus que ficou inacabada e nesse retorno possa ajudá-los.

Os processos religiosos tradicionais do povo Magüta têm as suas complexidades, que só eles conhecem e compreendem na integralidade. Esse entendimento maior está sendo conduzido pelos missionários Magüta/Ticuna no tempo presente, mas as igrejas denominacionais constituídas nas comunidades indígenas Ticuna não querem perder o seu espaço. Por isso, resistem e até permitem atos conflituos entre os membros das congregações. De igual forma acontece com os fiéis da igreja indígena e com os próprios membros majoritários. Quando a igreja indígena leva uma proposta de implementação às outras comunidades Magüta/Ticuna, enfrenta a resistência das outras congregações que já estão nas comunidades. Atos/Wipatükü explicou como trabalha a organização social na igreja indígena:

Na estrutura da organização social da igreja indígena a gente não tem papa, se valoriza que todos somos iguais, tanto que lá tem quatro lideranças espirituais, nós chamamos assim, então nesse meio de lideranças se encontram os pastores [...]. Muitas missões consultam primeiro essas lideranças representantes no Brasil pra trabalhar com os indígenas. A partir dessa consulta é que entram nas comunidades, o que nem sempre é respeitado, porque tem muitas missões querem a alma do indígena, quer salvar o indígena de acordo com a visão deles, que é de fora. Então, hoje, as missões internacionais querem entrar nas nossas aldeias isoladas, mas em cada comunidade tem uma liderança religiosa que nós preparamos, pois muitos líderes já foram preparados. [...] Temos um seminário que valoriza não só a palavra, mas a cultura, a pintura, a dança e como pensar com o pensamento indígena. Esse evento acontece em janeiro com apoio da Conselho Nacional de Pastores Líderes Evangélicos Indígena e outras missões de fora apenas para apoiar e não para impor (Wipatüku 2025, informação verbal).

No contexto atual, a oca-templo está sendo construída (em alvenaria com modelo de estilo tradicional) para melhor receber os membros e a comunidade, pois serão implementados novos setores para atender os jovens e os comunitários de forma geral, como: biblioteca, escola de formação, museu, espaço cultural (pintura, danças e canto), esportivo (jogos indígenas), jardim de plantas medicinais, consultório odontológico e espaço de convivência. Será uma estrutura de igreja com um espaço ampliado para melhor integração de seus membros.

O trabalho da igreja Magüta/Ticuna vem se destacando e está com maior nível de aceitabilidade nas comunidades indígenas do Alto Solimões. As lideranças que se mostravam resistentes ao trabalho transgressor dos membros estão aderindo, aos poucos, ao entender a visão integral e ideológica da igreja indígena no sentido de fortalecimento aos processos

identitários, étnicos e culturais. Isto visa integrar, de fato, a autonomia religiosa aos povos originários da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados apresentados, constata-se que a trajetória do povo originário Magüta/Ticuna na região do Alto Solimões, Amazonas foi profundamente impactada pela imposição e violência cultural da colonização ocidental. A introdução obrigatória de doutrinas religiosas europeias resultou na fragmentação de sua cosmovisão autônoma original, desestruturando práticas coletivas tradicionais baseadas na partilha, na unidade e no respeito sagrado à natureza.

Contudo, a realidade contemporânea demonstra que esse processo não extinguiu a agência desse povo. Como resposta histórica às perdas sofridas, emerge a consolidação da Igreja Evangélica Indígena de Filadélfia, comunidade situada no município de Benjamin Constant, Amazonas. Essa instituição reflete um processo ativo de ressignificação e apropriação, em que os próprios Magüta/Ticuna assumem o protagonismo da liderança espiritual e comunitária.

Ao integrar a fé com suas matrizes socioculturais locais, o povo Magüta/Ticuna de Filadélfia reconstrói os laços de fraternidade e coletividade que haviam sido fragilizados pelo colonialismo histórico. Assim, a dinâmica religiosa vivenciada em Filadélfia, pertencente a Benjamin Constant, não representa apenas uma herança passiva da catequização, mas sim um espaço legítimo de autonomia, organização social e resistência cultural, afirmando que a soberania sobre o sagrado permanece viva nas comunidades do Alto Solimões, Amazonas.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, BLDC. **Mil peças:** coleções Ticuna do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2020.

LIMA, WPD. **Os Ticuna e a igreja indígena em Filadélfia.** 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MENDES, MMM. **A Trajetória da Polícia Indígena do Alto Solimões:** Política Indigenista e Etnopolítica entre os Ticuna. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Amazônico, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

NIMUENDAJU, C. **Os Índios Tucuna.** Boletim do Museu do Índio, Antropologia nº 7, Rio de Janeiro, 1977.

OLIVEIRA, FJP. de. **"O nosso governo": os Ticuna e o regime tutelar**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988.

PEREIRA, FK. **Painel de Lendas & Mitos da Amazônia**. Belém - Pará, 2001.

SILVA, TFD. **Espiritualidade Indígena**: um estudo bibliográfico da tribo Wari (Pacaás Novas) no município de Guajará-Mirim Rondônia. 2013. Dissertação (Mestrado em Teologia), São Leopoldo: EST, 2013.